

**Herança familiar e tradição científica: um estudo sobre a trajetória profissional de Evandro Chagas (1905-1940)**

**DANIELLE BARRETO\***

**Introdução**

Este artigo tem como objetivo analisar a trajetória profissional de Evandro Chagas (1905-1940), médico sanitário e pesquisador do Instituto Oswaldo Cruz. Filho de Carlos Chagas (1878-1934), reconhecido como um dos grandes nomes da ciência brasileira, Evandro Chagas norteou a construção de sua carreira pelo exemplo do pai, esforçando-se, sobretudo após a sua morte, para dar continuidade aos seus projetos e à sua obra de junto ao Instituto Oswaldo Cruz, instituição dirigida por Carlos Chagas durante quase duas décadas (1917-1934), como discípulo e sucessor direto de Oswaldo Cruz (1872-1917). A trajetória profissional de Evandro Chagas, fortemente referenciada à vida e à imagem pública de seu pai, seria marcada pela herança do capital científico e social de sua família, pela tradição de pesquisa da ‘escola de Manguinhos’ e pelo senso de dever de um filho em relação à memória de seu pai.

Um outro desdobramento de nossa reflexão refere-se à compreensão dos sentidos particulares que Evandro Chagas imprimiu a sua trajetória profissional, isto é, das intenções e das motivações subjetivas que o orientaram em suas ações e decisões, e os significados que suas atividades científicas tiveram enquanto conquista e realização pessoal. As motivações de Evandro Chagas revelam os sentimentos ambíguos de um filho que nutria um forte senso de responsabilidade quanto à memória e ao legado científico de seu pai, mas que, ao mesmo tempo, tentava se ‘redimir’ de uma culpa que carregava em relação a este mesmo pai e à família. Nossa intenção, ao recuperar essa dimensão mais íntima da vida de Evandro Chagas, foi a de captar, por meio desses elementos de natureza subjetiva, os aspectos que singularizam essa trajetória, em seus dramas e conflitos individuais, perspectiva que acompanha as principais tendências metodológicas dos estudos biográficos atuais (DOSSE, 2009). Com o

---

\* Mestre em História das Ciências e da Saúde pelo Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz/Fundação Oswaldo Cruz. Professora de história da rede municipal e estadual de ensino do Rio de Janeiro.

intuito de dar expressão às suas representações, projeções, anseios e lógicas particulares de escolha face ao contexto histórico e social vivido, elegemos como fio condutor de nossa análise a narrativa deixada pelo próprio Evandro Chagas acerca de sua trajetória, recuperada por meio da documentação reunida em seu arquivo pessoal, sob a guarda do Departamento de Arquivo e Documentação da Casa de Oswaldo Cruz (DAD/COC)<sup>1</sup>.

### **O primogênito de um cientista consagrado: Carlos Chagas e sua descoberta**

Evandro Serafim Lobo Chagas nasceu no Rio de Janeiro, em 10 de agosto de 1905. Foi o primeiro filho do casal de mineiros Carlos Justiniano Ribeiro Chagas e Íris Lobo Chagas. Seu irmão mais novo, Carlos Chagas Filho, nasceria cinco anos depois, em 12 de setembro de 1910.

Aos quatro anos de idade, Evandro Chagas teria um pai notabilizado pela descoberta, em 1909, de uma nova doença tropical, que ficaria conhecida como doença de Chagas. O evento foi tratado pelos contemporâneos e pela memorialística médica como um feito único na história da medicina, pelo fato de um mesmo (e único) pesquisador ter descoberto, num curto espaço de tempo, uma nova enfermidade, seu agente causal e seu transmissor. A reforçar a excepcionalidade da descoberta de Carlos Chagas, acrescia-se o fato de o cientista tê-la realizado invertendo a lógica da sequência que, via de regra, ocorria na identificação de uma doença: ao invés do doente (de um caso clínico), suas pesquisas tiveram como ponto de partida o vetor e o parasito. A descoberta da doença de Chagas passou a ser comemorada como um mito glorificador da ciência brasileira (KROPF, 2009).

Os estudos que se iniciaram sobre esta enfermidade deram grande prestígio à carreira de Carlos Chagas. No ano seguinte, em 1910, ele seria nomeado membro titular da Academia Nacional de Medicina, em caráter excepcional, pois a instituição não dispunha de vagas na ocasião. Em 1911, a doença de Chagas seria apresentada com destaque durante a Exposição Internacional de Higiene e Demografia, em Desdren, na Alemanha. Em 1912, Carlos Chagas receberia uma importante distinção no campo científico internacional: o Prêmio Schaudinn,

---

<sup>1</sup> As questões suscitadas nesse artigo foram desenvolvidas detalhadamente em nossa dissertação, intitulada “Uma trajetória familiar na ciência: Evandro Chagas (1905-1940) e o estudo das endemias rurais no Brasil”, defendida em 2012 junto ao Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz/Fundação Oswaldo Cruz.

concedido pelo Instituto de Doenças Tropicais de Hamburgo ao melhor trabalho na área da protozoologia. No ano seguinte, Carlos Chagas foi indicado ao Prêmio Nobel de Medicina, o que se repetiria em 1921.

De acordo com Simone Kropf (2009), a descoberta de Carlos Chagas assumiu importância central para o projeto científico e institucional do IOC ao tornar-se um evento exemplar do tipo de atividade científica que era ali desenvolvida. Carlos Chagas colocava-se e seria reverenciado como um discípulo de Oswaldo Cruz, consagrando sua descoberta aos ensinamentos da ‘escola de Manguinhos’. Com isto, o Instituto Oswaldo Cruz adquiria visibilidade como um centro de pesquisa de excelência, sintonizado com a agenda científica internacional e, ao mesmo tempo, comprometido com os problemas sanitários que eram específicos da sociedade brasileira. Nesse aspecto, a descoberta assumiu também um papel determinante no próprio processo de institucionalização da ciência brasileira (STEPAN, 1976; BENCHIMOL, 1990; BENCHIMOL e TEIXEIRA, 1993). A associação da descoberta da doença de Chagas à ‘obra de Manguinhos’ reforçava a imagem do Instituto Oswaldo Cruz como instituição cuja prática científica era voltada para a identificação e solução de questões referentes à saúde pública do país, legitimando sua atuação nesse campo<sup>2</sup>. Por outro lado, conforme salienta Kropf, a descoberta só ganhou sentido como um ‘grande feito’ da ciência nacional justamente pela representação social que o projeto institucional do Instituto Oswaldo Cruz adquiria, representação esta que ela própria ajudou a construir (KROPF, 2009).

Seguindo ainda a argumentação de Kropf, a descoberta teve grande repercussão não só como um ‘grande feito científico’, mas pela dimensão política e social que lhe foi atribuída. Os relatos das expedições científicas do Instituto Oswaldo Cruz pelo interior do país, no início do século XX, e, sobretudo, a descoberta de uma nova doença por Carlos Chagas, forneciam a imagem de uma população rural pobre, doente e abandonada, o que contrastava com o processo de reforma urbana e modernização pelo qual passava a capital federal e com o otimismo da *Belle Époque*. Além da doença de Chagas, Belisário Penna e Arthur Neiva,

---

<sup>2</sup> O Instituto Soroterápico Federal (também conhecido como Instituto de Manguinhos) foi criado em 1900 para produzir soros e vacina contra a epidemia de peste bubônica que ameaçava a capital federal. Em 1908, passou a se chamar Instituto Oswaldo Cruz. Desde os primeiros anos de funcionamento, seu diretor, Oswaldo Cruz, buscou ampliar o escopo das atividades da instituição para além da produção, de modo a transformá-la num renomado centro de pesquisa e de ensino no campo da medicina experimental, em especial de estudo das doenças tropicais.

pesquisadores do Instituto Oswaldo Cruz, em seu relatório de viagem aos ‘sertões’ do país, em 1912, denunciavam a ocorrência de outras endemias entre a população rural, como a ancilostomose e a malária, e atribuíam aos fatores sociais e políticos a causa de tão drástico cenário. O isolamento do sertanejo e as graves enfermidades que o acometiam tinham como agravante o fato de comprometer a capacidade de trabalho do homem rural, e com isso, impedir a prosperidade econômica do país. Em última instância, constituíam também um problema para a política de imigração levada a cabo pelo regime republicano.

É a partir dessa imagem de um sertão desassistido e esquecido pelo poder público que se formaria, ainda na década de 1910, o movimento pelo saneamento dos sertões, uma campanha política e intelectual que defenderia a melhoria das condições sanitárias do interior como forma de viabilizar o progresso da nação. A percepção de um ‘país doente’ foi sintetizada pelo médico Miguel Pereira num célebre discurso em 1916, quando afirmou que o Brasil era “um imenso hospital”. O movimento sanitarista, como ficou conhecido, tinha como principal bandeira a ampliação da ação do governo federal e a expansão das ações e serviços de saúde para as áreas rurais (CASTRO-SANTOS, 1985; LIMA e HOCHMAN, 1996). O pai de Evandro Chagas seria uma das principais lideranças deste movimento.

Carlos Chagas sucedeu a Oswaldo Cruz na direção do IOC quando este faleceu, em 1917, permanecendo à frente da instituição até a sua morte, em 1934. Além da direção do Instituto Oswaldo Cruz, Carlos Chagas assumiu ainda o cargo de diretor do Departamento Nacional de Saúde Pública durante os anos de 1920-1926. Foi neste cenário familiar, marcado pela proeminência de seu pai na vida intelectual e pública do país, que Evandro Chagas cresceu. O ambiente cultural de sua casa contava com a presença constante de importantes cientistas e intelectuais brasileiros e estrangeiros, com quem Carlos Chagas convivia (CHAGAS FILHO, 1987). Dadas as funções públicas exercidas por Carlos Chagas, é plausível considerar que desde jovem Evandro Chagas tivesse contato com a elite dirigente e as principais lideranças políticas da época. Ainda adolescente, passaria a frequentar o Instituto Oswaldo Cruz, sobretudo depois que seu pai passou a dirigir a instituição. Ao iniciar os estudos médicos, Evandro Chagas levaria esta ‘bagagem’ científica e cultural adquirida em casa.

### **Formação médica e trajetória profissional**

Em 1921, aos 15 anos, Evandro Chagas ingressou na Faculdade de Medicina da Universidade do Rio de Janeiro. No ano seguinte, no 2º ano do curso médico, iniciou o internato no Hospital Oswaldo Cruz (do Instituto Oswaldo Cruz) e no Hospital São Francisco de Assis, vinculado à Faculdade de Medicina da Universidade do Rio de Janeiro e inaugurado neste mesmo ano por Carlos Chagas, que à época ocupava a direção do Departamento Nacional de Saúde Pública. No Hospital São Francisco de Assis, Evandro Chagas tornou-se interno da 12ª enfermaria, chefiada por Eurico Villela, pesquisador do Instituto Oswaldo Cruz e um dos principais colaboradores de seu pai no estudo da forma cardíaca da doença de Chagas. Também receberia a orientação de Eurico Villela no Serviço de Eletrocardiografia do Hospital Oswaldo Cruz, sendo acompanhado de perto pelo pai, que trabalhava em ambos os espaços.

Evandro Chagas atribuiria toda sua formação técnica e profissional à ‘escola de Manguinhos’ e à orientação direta de Carlos Chagas e Eurico Villela, a quem creditaria o seu aprendizado clínico. Ele afirmava que foi no Instituto Oswaldo Cruz que iniciou sua atividade de pesquisa sobre as doenças tropicais, campo de investigação ao qual se dedicaria por toda a vida. Ainda estudante, frequentou os Cursos de Aplicação oferecidos pelo Instituto Oswaldo Cruz e realizou, na instituição, pesquisas sobre a malária, ancilostomose e tripanossomíase americana, consideradas pelos partidários do movimento sanitarista como as três principais endemias do país. Além das pesquisas de laboratório e a clínica nos hospitais, sua formação foi complementada pelas investigações de campo no interior do país (VILLELA, 1941). A importância atribuída ao estudo da medicina tropical no Brasil, conforme defendia Carlos Chagas, relacionava-se, sobretudo, à produção de conhecimentos científicos acerca das principais doenças endêmicas do país (CHAGAS, 1935)<sup>3</sup>. O projeto científico e institucional do Instituto Oswaldo Cruz, voltado para o estudo das doenças tropicais, afirmava sua legitimidade social justamente por sua capacidade de identificar e propor soluções para os problemas sanitários brasileiros. Evandro Chagas se apresentaria, por toda a vida, como um

---

<sup>3</sup> Carlos Chagas defendia que o ensino das doenças tropicais serviria, fundamentalmente, para ampliar o entendimento dos médicos brasileiros acerca da nosologia de seu próprio país, mais propriamente das doenças endêmicas rurais, indicando que, para ele, a medicina tropical era indissociável do projeto nacionalista do movimento pelo saneamento rural do Brasil.

discípulo desta tradição de pesquisa, à qual filiaría sua prática profissional. Ele iniciaria seus estudos exatamente pela doença descoberta por seu pai, dedicando-se à investigação da forma cardíaca da doença de Chagas, transformando-se, desse modo, em seu discípulo e colaborador direto.

Após a formatura, ocorrida em 1926, Evandro Chagas permaneceu em Manguinhos, assumindo, em 1930, a chefia da Seção de Patologia Humana do Hospital Oswaldo Cruz. Nesse mesmo ano, foi nomeado livre-docente cadeira de Clínica de Doenças Tropicais e Infecciosas da Faculdade de Medicina da Universidade do Rio de Janeiro, disciplina criada pela nova legislação de ensino aprovada em 1925, cuja cátedra era ocupada por seu pai, e da qual já era assistente efetivo. Para o concurso, apresentou uma tese sobre doença de Chagas, intitulada “A forma cardíaca da tripanossomíase americana”. Evandro Chagas dividiu o ensino da cadeira com seu pai durante cinco anos, e chegaram a publicar, em co-autoria, um Manual de Doenças Tropicais, que reunia os temas estudados na disciplina, editado em 1935. Em novembro de 1934, Carlos Chagas faleceu, deixando vaga a cátedra. Seu filho tentaria ocupar o seu lugar que fora de seu pai, inscrevendo-se para o concurso aberto em 1935. Ao explicar sobre os motivos que o levaram a esta decisão, Evandro Chagas declarou:

“Cumprimos, ao tomar parte nessa competição, um dever para com a memória do Prof. Carlos Chagas; seu assistente durante todo o tempo em que exerceu o magistério oficial, docente livre e auxiliar imediato desse professor em suas pesquisas, não poderíamos deixar de tentar ocupar o lugar deixado vago por sua morte” (Correio da Noite, 25 de julho de 1935).

O concurso para a cátedra foi uma ocasião particularmente propícia para que Evandro Chagas se apresentasse publicamente no campo científico como herdeiro de seu pai, em todos os sentidos ‘destinado’ a dar seguimento à sua trajetória. Sua declaração deixa entrever que para ele era ‘natural’ postular o lugar que fora Carlos Chagas: como assistente e docente da disciplina, acompanhou todo o seu processo de criação, ajudando a consolidá-la em um curto espaço de tempo. Junto a esses argumentos que ressaltam seus méritos profissionais, necessários para justificar e legitimar sua pretensão ao cargo, estava, entretanto, uma outra motivação que, não por acaso, figura como sua primeira explicação: a intenção de cumprir um “dever” para com a “memória” de Carlos Chagas. A partir da morte de seu pai, seria este o sentido que Evandro Chagas daria a sua carreira. A crença de que tinha um ‘dever’ ou uma



‘missão’ em relação à memória e ao legado de seu pai seria, a partir de então, uma constante em seus pronunciamentos.

O concurso para a cátedra de doenças tropicais e infecciosas aberto em 1935 seria rememorado como “um dos mais disputados da história da Faculdade de Medicina” (Pereira, 2006: 15). Foi também um concurso bastante polêmico, contra o qual se interpuseram vários recursos exigindo a anulação do resultado final. Evandro Chagas foi classificado em 2º lugar, perdendo a vaga. O cientista adotou uma postura de silêncio diante de todo o debate que envolveu o concurso, abstendo-se de emitir qualquer juízo sobre o assunto. Ainda que seu nome figurasse entre os pontos polêmicos e que lhe fossem dirigidas manifestações favoráveis, grande parte delas exaltando o mérito de suas provas, ele optou por não tomar parte nas discussões. No entanto, ainda que não tenha demonstrado publicamente qualquer tipo de descontentamento (ou mesmo indignação) com o resultado do concurso, as decisões que tomou posteriormente revelam o grande impacto que este acontecimento provocou em sua vida: Evandro Chagas exonerou-se da Faculdade de Medicina da Universidade do Rio de Janeiro, abandonando a atividade docente para dedicar-se exclusivamente à pesquisa científica no Instituto Oswaldo Cruz, onde era diretor do Hospital Oswaldo Cruz<sup>4</sup>.

A partir de 1936, a atuação profissional de Evandro Chagas seria direcionada para a investigação dos problemas sanitários do interior do país, em especial da região amazônica. Neste ano, chefiou uma comissão de estudos do Instituto Oswaldo Cruz pelo norte e nordeste do país, que tinha como foco o esclarecimento da leishmaniose visceral, doença cuja epidemiologia e incidência ainda eram desconhecidas no Brasil. Suas pesquisas, realizadas a partir de estudos de campo e de laboratório, representaram uma investigação pioneira sobre esta enfermidade, e os resultados alcançados o levaram a postular que se tratava de uma nova doença tropical autóctone do continente americano (daí a designação de “leishmaniose visceral americana”), diferente das leishmanioses congêneres descritas em outras regiões. Evandro Chagas anunciaria o resultado de suas pesquisas como uma “descoberta” científica, na Academia Nacional de Medicina, em caráter semelhante ao que fizera seu pai em 1909. Ainda na região norte, por meio de acordos com o governo do Pará, fundou, em fins de 1936,

---

<sup>4</sup> Em 1942, o Hospital Oswaldo Cruz foi denominado de Hospital Evandro Chagas. Atualmente, o antigo hospital abriga o Instituto de Pesquisa Clínica Evandro Chagas, uma unidade técnico-científica da Fiocruz.

o Instituto de Patologia Experimental do Norte, sediado em Belém<sup>5</sup>. A criação do instituto tinha como objetivo desenvolver pesquisas e estudos acerca das principais doenças da região amazônica, visando fornecer aos órgãos estadual e federal de saúde subsídios para a formulação de ações e políticas voltadas para o combate das endemias rurais.

Graças as suas relações familiares, Evandro Chagas conseguiu angariar o apoio financeiro do empresário Guilherme Guinle, obtendo a doação de uma verba mensal que era utilizada para o pagamento de pessoal e das despesas de viagens de campo. A origem das relações de Guilherme Guinle com a sua família remontam a um trabalho que seu pai realizou junto à Companhia Docas de Santos, empresa do pai de Guilherme Guinle. Em 1905, Carlos Chagas foi contratado para combater um surto de malária na Fazenda de Itatinga, onde seria construída uma hidrelétrica para fornecer energia ao porto de Santos. As medidas preventivas propostas pelo cientista tiveram um rápido efeito e motivaram o início de uma amizade duradoura entre ambos, que extravasaria o campo da ciência e se estenderia aos ‘salões’ frequentados pela família Guinle (SANGLARD, 2008).

Com a visibilidade alcançada por suas pesquisas, sobretudo após a conferência na Academia Nacional de Medicina, quando anunciou a descoberta da leishmaniose visceral americana, Evandro Chagas obteve do governo federal um subsídio destinado exclusivamente à sua seção de pesquisa no Instituto Oswaldo Cruz, o que lhe possibilitou ampliar suas atividades científicas. O cientista possuía bom trânsito entre as principais lideranças políticas de sua época, dentre os quais o ministro da Educação e Saúde Gustavo Capanema, de cujo gabinete provinha a verba federal que lhe era dirigida. É plausível supor que a proximidade de Evandro Chagas com ministro, para além da crescente visibilidade e prestígio que suas pesquisas adquiriam no Instituto Oswaldo Cruz, possa ser explicada pelas ligações pessoais que sua família, de origem mineira (e que contava com um ex-ministro e senador da República), mantinha nos círculos políticos de Minas Gerais, estado no qual nascera Capanema e onde iniciara sua vida pública. Sobre esse aspecto, devemos acrescentar ainda que seu irmão, Carlos Chagas Filho, casou-se com a filha de Afrânio Mello Franco, político pertencente a uma família de reconhecida tradição na política mineira, e seu filho, Afonso

---

<sup>5</sup> Após a morte de Evandro de Chagas, como homenagem ao seu fundador, o Instituto de Patologia Experimental do Norte passou a chamar-se Instituto Evandro Chagas.



Arinos de Mello Franco (cunhado de Carlos Chagas Filho) foi um dos grandes colaboradores do ministro Capanema (BOMENY, 2001).

Dispondo de novos e substanciais recursos financeiros, Evandro Chagas conseguiu alargar seu programa de investigações, transformando a antiga Comissão Encarregada dos Estudos sobre Leishmaniose Visceral Americana no Serviço de Estudo de Grandes Endemias. Com isso, a partir de 1938, doenças como a malária, esquistossomose, doença de Chagas, boubá, filariose e leishmaniose tegumentar seriam incorporadas à agenda de pesquisa de Evandro Chagas, merecendo estudos sistemáticos. O Serviço de Estudos de Grandes Endemias nascia como uma organização científica voltada para a investigação e o combate das principais doenças endêmicas em diversas regiões do país. Além de conquistar autonomia financeira para o Serviço de Estudos de Grandes Endemias, o cientista geria suas atividades de modo bastante centralizado, fazendo com que o Serviço fosse identificado como uma organização à parte no Instituto Oswaldo Cruz, inseparável da figura e da liderança de Evandro Chagas.

A criação de um serviço de pesquisa voltado exclusivamente para o estudo das endemias rurais do interior do país era o grande objetivo do projeto científico e pessoal de Evandro Chagas. Ele acreditava que qualquer medida ou ação sanitária de combate às endemias rurais deveria ser orientada por um detalhado estudo das condições epidemiológicas locais, posto que as características ambientais locais interferiam e regulavam a forma de ocorrência dessas moléstias<sup>6</sup>. Neste sentido, a principal dificuldade para o combate das doenças rurais residia no fato de que grande parte das condições de incidência dessas enfermidades ainda eram pouco conhecidas ou ignoradas em seus aspectos epidemiológicos fundamentais (CHAGAS, 1938). As atividades do Serviço de Estudos de Grandes Endemias conjugaram pesquisa de campo e de laboratório, estudos clínicos e formação de especialistas em doenças tropicais, com o objetivo de produzir conhecimentos científicos que auxiliassem ações efetivas na solução dos problemas sanitários, sobretudo aqueles que afetavam as áreas

---

<sup>6</sup> Segundo os preceitos da medicina tropical mansoniana, o clima e as condições ambientais interferiam na ocorrência das doenças não como instância de determinação causal direta, como pressupunham as teorias miasmáticas vigentes até fins do século XIX, mas porque propiciavam condições específicas para a existência de certos microorganismos patogênicos, bem como, sobretudo, dos organismos que as transmitiam, como por exemplo os insetos. Esta era a ideia que Carlos Chagas defendeu em sua aula inaugural da cátedra de doenças tropicais e infecciosas, justificando a criação da especialidade (CHAGAS, 1935).

rurais. Nesse sentido, o projeto científico de Evandro Chagas mantinha uma clara vinculação com o ideário do movimento sanitarista que se iniciou na década de 1910. No entanto, seu plano de saneamento rural adquiriu nova dimensão e se moldou às especificidades do contexto no qual se inseriu, a década de 1930.

Conforme aponta Simone Kropf, o Serviço de Estudos de Grandes Endemias surgia no novo cenário da saúde pública como uma organização científica composta por profissionais especializados na pesquisa biomédica voltada para a saúde pública, e que se auto-atribuíam a responsabilidade pela orientação técnica dos planos e das campanhas a cargo dos serviços sanitários estaduais e federais. A autora afirma que, nesse aspecto, o desenho institucional do Serviço de Estudos de Grandes Endemias se alinhava e se enquadrava ao próprio processo de reestruturação dos serviços de saúde que marcariam a gestão de Gustavo Capanema à frente do Ministério da Educação e Saúde (KROPF, 2009). A implementação da reforma Capanema em 1937 (como ficou conhecida), representou a centralização, coordenação e normatização das ações e políticas de saúde pública pelo governo federal, tendência que seguia as principais orientações políticas e ideológicas do Estado Novo (1937-1945). A execução das medidas sanitárias preconizadas pelo governo federal seria viabilizada a partir da formação de uma estrutura verticalizada e burocratizada de controle. Para isso, foram criadas, subordinadas ao recém criado Departamento Nacional de Saúde, Delegacias Federais de Saúde com o objetivo de orientar, coordenar e fiscalizar todos os serviços de saúde no país e combater distintas doenças (HOCHMAN, 1998; FONSECA, 2007). Evandro Chagas firmou parcerias com os órgãos sanitários dos governos estaduais e do governo federal, trabalhando em estreita colaboração com as Delegacias Federais de Saúde e com os Serviços Nacionais de Saúde (estes criados em 1941). O cientista também atuou junto à Fundação Rockefeller numa campanha federal contra o *Anopheles gambiae*, mosquito transmissor de uma terrível epidemia de malária que assolou os estados do Rio Grande do Norte e Ceará durante os anos de 1938-1941.

Ainda de acordo com Kropf, o Serviço de Estudos de Grandes Endemias, criado por Evandro Chagas exatamente no contexto de reforma do Ministério da Educação e Saúde, foi o caminho pelo qual o Instituto Oswaldo Cruz buscou reafirmar sua identidade enquanto instituição comprometida com o estudo e combate das endemias rurais, num movimento que

pode ser visto, ao mesmo tempo, como a recriação de sua tradição institucional. Com a implementação das novas estruturas administrativas do Ministério da Educação e Saúde, o Instituto Oswaldo Cruz perdeu a prerrogativa de intervir diretamente na condução e execução das ações e políticas sanitárias do país, e seu protagonismo nesse campo estava diretamente relacionado ao fato de seus dois primeiros diretores, Oswaldo Cruz e Carlos Chagas, terem ocupado cargos de chefia em órgãos federais de saúde (respectivamente a Diretoria Geral de Saúde Pública e o Departamento Nacional de Saúde Pública) (KROPF, 2009). A identificação do Serviço de Estudos de Grandes Endemias como uma continuidade à tradição de Oswaldo Cruz e Carlos Chagas era assim apresentada pelo próprio Evandro Chagas em seus discursos e pronunciamentos, e seu empenho em dar continuidade ao legado científico e institucional de Manguinhos, para além do compromisso de um discípulo para com seus mestres, guardava também razões de ordem particular e de natureza sentimental.

Esses dois propósitos, neste caso específico, se articulam de modo muito singular, pois se trata de um discípulo que não quer ‘apenas’ seguir o caminho do mestre; como filho, com vínculos profundamente afetivos, Evandro Chagas toma como meta de sua própria vida satisfazer os sonhos e aspirações de seu pai. É evidente que se posicionar como herdeiro de Carlos Chagas (na dupla acepção do termo) e ‘representante’ do Instituto Oswaldo Cruz era uma estratégia discursiva de grande eficácia para legitimar socialmente sua atuação e uma forma de viabilizar seus projetos científicos. Essas duas referências eram, inegavelmente, recursos importantes para o tipo de carreira que estava construindo para si. Mas consideramos que, para além de uma estratégia de afirmação profissional, Evandro Chagas de fato era movido por um sentimento de admiração e afeto sinceros em relação ao pai, esforçando-se, por isso, em dar continuidade a todos os empreendimentos que traziam a marca da trajetória ou das ideias de Carlos Chagas. O mais peculiar e intrigante é que Evandro Chagas também nutria um sentimento de culpa em relação à família, o que parecia reforçar ainda mais sua ‘missão’ e ‘dever’ para com a memória do pai. Esta dimensão nos é revelada fundamentalmente pela documentação de natureza privada que constituiu fonte privilegiada de nossa pesquisa<sup>7</sup>.

---

<sup>7</sup> Ver, em especial, as cartas escritas a sua mãe, que constam na série BR RJCOE EC 01.003 do arquivo pessoal de Evandro Chagas, sob a guarda do Departamento de Arquivo e Documentação da Casa de Oswaldo Cruz.

Nas cartas de Evandro Chagas à mãe, percebemos uma preocupação insistente em afirmar seu comprometimento com o nome de Carlos Chagas e com os ideais que este defendeu em vida. A lembrança do pai e, em certas passagens, a analogia entre ambas trajetórias, são recorrentes nesses escritos à mãe. Nossa impressão é a de que Evandro Chagas tinha a necessidade de mostrar à família que estava cumprindo seu dever como filho (ou o dever que dele esperavam), apesar de toda e qualquer ‘maledicência’ que dissessem a seu respeito. A imagem que muitos tinham de Evandro Chagas era a de um homem ‘boêmio’ e ‘fanfarrão’. Seu próprio irmão admitia que ele era “um bom companheiro para a noite [,pois] nada o fatigava” (CHAGAS FILHO, 1986: s.p). Chagas Filho conta que era praticamente certo encontrar Evandro Chagas tomando uma dose de uísque após o horário de trabalho, mas, mesmo passando a madrugada no “Café Lamas, ponto final da boêmia carioca naqueles tempos” (idem), ele apresentava-se pontualmente ao serviço, e com perfeita disposição.

Outra característica que sobressai dessas correspondências à mãe são o lamento e o pesar por um possível desgosto causado a sua família. A vida do cientista, sob muitos aspectos, fugia ao comportamento moral considerado padrão para um homem de sua época: seu primeiro casamento (com uma jornalista ativista do Partido Comunista Brasileiro) se desfez em poucos anos, e a única filha do casal, após um período em um internato, passou a viver com a mãe em São Paulo, longe do convívio e da vigilância diária de seu pai. Para Evandro Chagas, viver afastado da criança era um drama íntimo que lhe causava grande sofrimento. No entanto, todo este conflito emocional parecia justificar-se em benefício da realização dos sonhos de seu pai. Para a mãe, ele explicava que era em nome do pai que se sacrificava, ainda que para isso tivesse que anular sua própria felicidade pessoal em não acompanhar de perto o crescimento e a educação de sua filha, que agora recebia os cuidados de um outro homem – o novo marido de sua mãe. A narrativa de Evandro Chagas sugere que, para ele, continuar o trabalho de seu pai e atender aos seus ideais era um meio de redimi-lo das decepções causadas à família, e também a justificativa de sua má conduta em relação à filha. Em outras palavras, era como se ele acreditasse que o culto à memória do pai pudesse trazer o respeito e a admiração de sua família:

“É possível que algum dia possa vir a ter um pouco daquilo que sobrou a meu pai, é possível que por ele, algum dia venha a mim alguma glória, mas de que serve sucesso a um tipo cuja vida tem sido um fracasso sob tantos pontos de vista? Ando

cada vez mais triste e desanimado de alguma felicidade pessoal. A única e grande felicidade que poderia ter, a de estar sempre com Tatiana, parece estar proibida; cada carta sua me traz notícias piores (...). Você deve achar que talvez eu a abandone muito, entretanto não posso deixar de atender a um ideal que foi do Paizinho, pelo qual ele morreu e que, se visse realizado, teria de mim outra opinião, bem diferente da que levou para o túmulo”<sup>8</sup>.

Evandro Chagas acreditava que manter o nome e o prestígio de seu pai e do Instituto Oswaldo Cruz era um dever familiar, um compromisso que também deveria nortear a vida e a carreira de seu irmão mais novo, embora este começasse a dar indícios de que planejava construir para si uma outra trajetória, ligada à universidade. Em 1937, Chagas Filho se inscreveu para o concurso de professor catedrático de física biológica da Faculdade de Medicina da Universidade do Brasil, sendo aprovado pouco depois, o que o levou a desligar-se de Manguinhos, onde era contratado como assistente. Para Darcy Fontoura de Almeida, a escolha de Carlos Chagas Filho pela cátedra de física biológica funcionou como uma espécie de válvula de escape para que o filho mais novo se afastasse da “sombra ameaçadora” de seu pai e de seu irmão mais velho que, nesta época, já era reconhecido e identificado como o sucessor natural de Carlos Chagas (ALMEIDA, 2008).

Essas escolhas distintas permitem uma reflexão sobre a maneira pela qual os filhos de Carlos Chagas encararam seu compromisso familiar com a memória de um pai que era um mito da ciência, atividade à qual ambos optaram por dedicar suas vidas. Se para Chagas Filho a morte do pai “assumiu também o significado da libertação” para seguir uma carreira própria, sem vinculação direta com a imagem de Carlos Chagas (LIMA, 2009: 93), para Evandro Chagas a morte do pai veio justamente fortalecer seu sentimento de ‘dever’ em relação a este. Evandro Chagas canalizou todas as referências do pai para o seu projeto científico, seja porque instrumentalizou o capital científico e social de Carlos Chagas a seu favor, seja porque teria na satisfação de um desejo do pai a principal motivação para tornar o Serviço de Estudos de Grandes Endemias um empreendimento real. Cada um de seus filhos foi marcado, em suas escolhas profissionais, por seus conflitos mais subjetivos, e nesse aspecto, Evandro Chagas era guiado, além de uma profunda admiração pelo pai, por um sentimento de culpa e de desgosto provocado à família. Ao nosso ver, são estes sentimentos que aguçaram sobremaneira seu senso de dever e de obrigação em relação à memória do pai, e que tornaram

---

<sup>8</sup> Carta de Evandro Chagas a Íris Lobo Chagas, em 12.07.37 (BR RJCOC EC 01.003).

a inspiração de sua trajetória algo mais complexo que a ideia de ‘continuador’ ou ‘discípulo’ podem induzir em sua acepção mais trivial.

### Considerações finais

Como vimos, toda a formação científica e profissional de Evandro Chagas foi fortemente marcada pelo modelo de ciência institucionalizado no Instituto Oswaldo Cruz, voltado para o estudo e o combate das doenças tropicais – modelo este que foi construído e legitimado, em boa medida, pelo lugar que Carlos Chagas ocupou em Manguinhos como principal discípulo e herdeiro do “mestre” Oswaldo Cruz, tanto como pesquisador quanto como diretor da instituição. Sua identidade profissional estava filiada à tradição de pesquisa do Instituto Oswaldo Cruz, e sob esta base o cientista desenvolveria, anos mais tarde, o projeto científico e institucional do Serviço de Estudos de Grandes Endemias no âmbito da própria instituição, destacando seu sentido e importância em estreita vinculação com o ‘legado’ de Carlos Chagas e da ‘escola de Manguinhos’.

O capital científico e simbólico que Evandro Chagas herdaria do pai seria decisivo na construção de uma carreira própria e singularizada (ainda que marcada pelo sobrenome Chagas) no campo da ciência e da saúde pública brasileira, que ganharia sua expressão máxima com a criação do Serviço de Estudos de Grandes Endemias. Por outro lado, podemos considerar que a construção de sua carreira, ao invés de um percurso previamente delineado desde a sua formação médica ou por sua origem familiar, correspondeu também outras motivações de cunho pessoal, que se relacionam tanto à admiração por um pai consagrado quanto ao ‘dever’ de um filho para com a ‘memória’ de seu pai.

Trata-se, portanto, de uma trajetória profissional construída e moldada a partir de dois princípios que se mostram interligados: herança familiar e tradição científica. Evandro Chagas herdou, por nascimento, o que Pierre Bourdieu chama de “uma espécie particular de capital social”, isto é, “um ‘nome’ (...) um nome conhecido e reconhecido, marca que distingue imediatamente seu portador, arrancando-o como forma visível do fundo indiferenciado, despercebido, obscuro, no qual se perde o homem comum” (BOURDIEU, 1983: 132). No caso, Evandro Chagas herdou um *sobrenome* que o identificava imediatamente a um mito da



ciência, laureado nacional e internacionalmente por ter realizado uma descoberta científica. Com isso, Carlos Chagas agregou ao sobrenome da família Chagas um importante capital científico e social, convertido em herança familiar para seus dois filhos, que os beneficiaria em sua inserção no campo científico e em uma determinada rede de sociabilidade. Evandro Chagas nasceu com um ‘nome a zelar’ e assumiria o dever implicitamente contido nessa herança paterna, qual seja, o de dar continuidade ao ‘nome’ (ou à trajetória) que originou esse capital científico e social. A decisão de perpetuar o legado familiar se evidencia e toma forma em sua escolha profissional, quando, além de seguir a mesma carreira de seu pai, se torna seu discípulo direto.

Por suas características, a trajetória profissional de Evandro Chagas pode ser conceituada como uma trajetória familiar em carreiras científicas. Em termos mais específicos, pode ser definida como uma trajetória científica que se inscreve numa tradição de pesquisa que é tanto institucional quanto familiar. Seu caso, entretanto, não representa uma exceção, sendo a presença de linhagens familiares um fenômeno bastante comum no campo científico (SCHWARTZMAN, 1984; OLIVEIRA, 1985). De acordo com Odaci Coradini, a origem social é um elemento determinante na formação da elite médica no Brasil nos séculos XIX e XX. O autor afirma que é a construção de relações de reciprocidade (ou de “uma rede durável de relações”) que marca o ingresso do indivíduo num determinado grupo, cargo ou posto de trabalho. A titulação escolar, que para alguns estudiosos representa o principal elemento de seleção e unificação das elites, assume papel secundário em sua argumentação. A consagração profissional (ou a aquisição de títulos e postos de trabalho) se daria menos pelo capital escolar e, fundamentalmente, pela origem, posição social e respectivas relações do indivíduo com a cultura dominante e os círculos de poder. Na visão do autor, é na relação com outros ‘títulos’ que o título escolar adquire valor (CORADINI, 1997).

A partir dessas diferentes perspectivas, buscamos refletir sobre a complexidade de fatores que podem explicar a opção dos filhos em seguir as carreiras familiares, como a origem social, o estímulo do ambiente doméstico ou a possibilidade de um emprego garantido, elementos também observados no caso de Evandro Chagas. Nesse sentido, o que procuramos foi dar ênfase aos aspectos que distinguem a sua trajetória, na tentativa de apreender as características que a individualizam. Para isso, foi importante imergir nos

valores familiares que Evandro Chagas cultivava e, principalmente, compreender que tipo de imagem ele fazia si e como imaginava ser visto por sua família.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ALMEIDA, D. F. A opção de Carlos Chagas Filho pela física biológica: razões e motivações. *História, Ciência e Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.15, n.2, abr-jun. 2008. p.261-275.

BENCHIMOL, J. L. (coord). *Manguinhos, do sonho à vida. A ciência na Belle Époque*. Rio de Janeiro: Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz. 1990.

BOMENY, Helena (org). *Constelação Capanema*. Rio de Janeiro: Editora FGV. 2001.

BOURDIEU, P. O campo científico. In: BOURDIEU, P. *Sociologia*. São Paulo: Ática, 1983. p.122-155.

CASTRO-SANTOS, L. A. O pensamento sanitarista na Primeira República: uma ideologia de construção de nacionalidade. *Dados. Revista de Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, vol. 28, n.2, 1985. p.193-210.

CHAGAS, C. Aula inaugural da Cadeira de Medicina Tropical – 14 de setembro de 1926. In: CHAGAS, C. *Discursos e conferências*. Rio de Janeiro, A Noite, 1935. p.137-166.

CHAGAS, E. Estudo sobre as grandes endemias do Brasil. *O Hospital*, Rio de Janeiro, .14, v.6, 1938. p.1323-1353.

CHAGAS FILHO, C. Prefácio: Um perfil de Evandro Chagas. In: *Instituto Evandro Chagas – 50 anos de contribuição às ciências biológicas e à medicina tropical*. Belém: Fundação Serviços de Saúde Pública, 1986, s.p.

CHAGAS FILHO, Carlos. *Depoimento*. Projeto Memória de Manguinhos. Rio de Janeiro, Casa de Oswaldo Cruz, 1987.

CHAGAS FILHO, C. *Meu pai*. Rio de Janeiro: COC/Fiocruz. 1993.

CORADINI, O. L. Grandes famílias e elite ‘profissional’ na medicina brasileira. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, v.III, n.3, 1997. 425-463.

DOSSE, F. *O Desafio biográfico*. São Paulo: Editora Edusp, 2009.

FONSECA, C. M. O. *Saúde no Governo Vargas (1930-1945): dualidade institucional de um bem público*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2007.

HOCHMAN, G. *A Era do Saneamento: as bases da política de saúde pública no Brasil*. São Paulo: Hucitec/Anpocs, 1998.

KROPF, S. P. *Doença de Chagas, doença do Brasil: ciência, saúde e nação (1909-1962)*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2009.

LIMA, A. L. G. S. de. *Ciência e política no Brasil: Carlos Chagas Filho e o Instituto de Biofísica (1931-1951)*. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde, Casa de Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz. Rio de Janeiro, 2009.

LIMA, N. T. e HOCHMAN, G. Condenado pela raça, absolvido pela medicina: o Brasil descoberto pelo movimento sanitário da Primeira República. In: MAIO, M. C. e SANTOS, R. V. (orgs). *Raça, ciência e sociedade*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz/CCBB, 1996. p. 23-40.

OLIVEIRA, J. B. A. *Ilhas de Competência: carreiras científicas no Brasil*. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1985.

SANGLARD, G. P. *Entre os Salões e o Laboratório: Guilherme Guinle, a saúde e a ciência no Rio de Janeiro, 1920-1940*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2008.

SCHWARTZMAN, S. *A Formação da Comunidade Científica no Brasil*. São Paulo/Rio de Janeiro: Editora Nacional/Finep, 1984.

STEPAN, N. L. *Gênese e evolução da Ciência Brasileira: Oswaldo Cruz e a política de investigação científica e médica*. Rio de Janeiro: Artenova/Fundação Oswaldo Cruz, 1976.

VILLELA, E. de A. Evandro Serafim Lobo Chagas: 1905-1940. *Memórias do Instituto Oswaldo Cruz*, Rio de Janeiro, v.36 n.1, p.33-43, 1941.